

SESSÕES DO PLENÁRIO

34ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 19 de setembro de 2022.

PRESIDENTE: DEPUTADA OLÍVIA SANTANA (AD HOC)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Boa tarde a todos e todas. Em nome da Constituição brasileira e da Constituição baiana, declaro aberta a sessão especial de outorga do Título de Cidadã Baiana para a cantora Teresa Cristina.

Convido, com muita honra, para compor esta Mesa, o Sr. Rafson Saraiva Ximenes, defensor público-geral; a Sr.^a Daniele Costa, chefe de gabinete da Secretaria de Políticas para as Mulheres, que neste ato representa a secretária Julieta Palmeira. Convido a cantora e compositora Juliana Ribeiro, também parceira dessa iniciativa. Convido, com muita honra, um dos maiores sambistas da Bahia que, este mês, também completou seus 80 anos de idade, o nosso querido cantor e compositor Nelson Rufino. Com muita honra, convido a nossa grande cantora e compositora baiana, brasileira, também liderança de um dos maiores projetos sociais da Bahia, a Fábrica Cultural, a nossa querida Margareth Menezes. Convido também para estar ao nosso lado, compondo esta Mesa tão representativa da cultura baiana, o nosso querido símbolo do centro histórico de Salvador, do nosso Pelourinho, o querido Clarindo Silva. (Palmas)

Neste momento, eu tenho a honra de solicitar ao Cerimonial desta Casa, da Assembleia Legislativa da Bahia, que conduza a nossa homenageada, a nossa querida cantora, compositora, formada em Letras, essa referência que, hoje, recebe homenagem na Bahia, mas que é uma referência para todo o Brasil, a nossa querida Teresa Cristina Macedo Gomes (palmas), acompanhada pelo Cortejo Afro e pelos clarins do Alvorada, que é o bloco de samba mais antigo de samba da Bahia.

(A homenageada é conduzida ao Plenário.)

(Procede-se à apresentação musical.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Nós agradecemos ao Cortejo Afro, agradecemos por essa voz inconfundível do nosso mestre Aloísio Menezes; agradecemos também ao nosso querido Açúcar, que faz parte dessa representação cultural da nossa Bahia. Eu quero, de imediato, também chamar o nosso querido artista, esse mestre do violão do Recôncavo Baiano, Roberto Mendes, para fazer parte da nossa Mesa, representando nosso samba do Recôncavo, nossa chula e todos os ritmos que ele é capaz de produzir no nosso violão. (Palmas) É uma situação muito especial, muito rara, ter Roberto Mendes participando, Cris, de um evento que

não seja em Santo Amaro, de preferência, na Pedra, no bairro da Pedra. (Risos) Portanto, meu querido, fique à vontade, você é parte desta Mesa tão representativa da nossa música, da arte baiana.

Quero também registrar a presença do nosso grande mestre Tonho Matéria, nosso mestre da capoeira, cantor e compositor baiano. Obrigada! A nossa Viviam Caroline também, que é a representação, essa voz e esses braços que tocam tão bem na banda que é uma nova contribuição à cultura baiana, a banda Yayá Muxima, que, com certeza, também vai fazer história na Bahia. Quero saudar Gal, nossa querida Maria das Graças, da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, seja muito bem-vinda. Saudar Sirlene Assis, presidente do Conselho Nacional de Ouvidorias de Defensorias Públicas deste país, também seja muito bem-vinda. Aproveito, Badá, para saudar você que é esse ativista cultural, nosso querido Geraldo Badá. Ao longo do tempo, nós vamos registrando também outras presenças aqui. (Palmas)

Mas eu quero, agora, solicitar a todos os presentes que fiquem em posição de respeito para ouvirmos o Hino Nacional.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Bom, eu já ia solicitar, mas o Cerimonial já tomou a providência de acomodar as nossas baianas.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Eu vou pedir licença para poder fazer uso da palavra, para proferir o meu pronunciamento, que justifica a entrega deste Título de Cidadã Baiana a nossa querida Teresa Cristina.

Antes de iniciar minha fala, quero destacar a presença da presidenta nacional da Unegro, União de Negras e Negros pela Igualdade, Ângela Guimarães, aqui conosco. (Palmas)

A Sr.^a OLÍVIA SANTANA: Senhoras e senhores, cumprimento, mais uma vez, cada uma e cada um dos presentes. Quero aqui dizer que o nosso mandato popular sempre procurou trazer para esta Casa expressões – Dr.^a Darci, aproveito para cumprimentá-la – de personalidades que tenham, de fato, contribuições para a cultura nacional, para a cultura baiana. E, neste momento, eu me sinto muito honrada, muito feliz de estar fazendo um reconhecimento que acolhe iniciativas populares, indicações populares.

Este evento que acontece aqui, agora, cerimônia de entrega do Título de Cidadã Baiana para a cantora Teresa Cristina, diz respeito a um pleito popular. A nossa querida Kátia que está aqui junto conosco, a quem eu aproveito para pedir que possa também compor a Mesa – parece-me que ainda tem um assento à Mesa –, ela e a nossa querida artista Juliana Ribeiro tiveram essa brilhante ideia de rendermos esta homenagem a Teresa Cristina.

Teresa Cristina que é essa mulher forjada no samba, e o samba é o seu campo de batalha, é o seu campo de construção política, social, e é também seu ambiente de trabalho, o seu fazer da sobrevivência e de encantamento do povo brasileiro ou, pelo menos, de uma larga parcela dele.

E é nesse espaço de construção, de luta – que sempre é mais desafiador para mulheres, sobretudo para mulheres negras – que se estabelecem muitas das escolas que já vimos passar no Rio de Janeiro, por exemplo, cantando histórias de mulheres

que aprendem o samba e que aprendem no samba a lutar e assim se fazem as guerreiras do seu povo a cada tempo histórico.

(Lê) “Mas a maior escola de samba é a vida, e ainda no ventre, Teresa ouviu tocar o coração preto de Cachoeira, terra natal de sua mãe, e sentiu as batidas de pés no chão, das mãos nas mãos: a vida gerando os sentidos da sua missão, para, já criança, segura na mão guia do seu pai, descobrir, no samba, sua identidade de artista no mundo.

Deixo desfilar a memória: não à toa que, quando uma escola de samba traz mensagens nos enredos que contam tantas histórias de nossa gente, do nosso povo, lá estão elas em todas, nossas mães negras, na ala das baianas.

Estamos aqui para fazer uma verdadeira oferenda pública de reconhecimento e agradecimento a esta mulher que tem uma carreira linda, pontuada de esforço, talento, simpatia e beleza.

Menina tornada mulher, na linha das grandes senhoras do samba, de Tia Ciata a Dona Ivone Lara, no rastro dos mestres Candeia e Wilson Moreira, cantando o legado de Cartola, e tanto mais de magia e ritmos que o *religare* das conexões África-Bahia-Rio de Janeiro nos legou, como grito que ecoa a nos dizer: sim, o samba é parte sagrada daquilo que cura.

Tê-la como cidadã irmã já é especial, tê-la como cidadã baiana mais ainda.

Numa pequena viagem no tempo, retrocedo aos recentes dias cinzentos da pandemia para dizer que, de 2020 para cá, essa sambadeira carioca se tornou a artista símbolo da janelas on-line – as lives – que a solidão do isolamento precisou abrir para conectar milhares de pessoas.

Teresa ali, aqui e acolá, na mais íntima sinceridade, criou uma tribuna botequim, que o país seguiu, naquele momento, como algo novo, diferente, divertido, criativo, emotivo. Abriu seu coração e fez da sua música, da sua voz, da sua sala, nosso melhor estar, um ato de companhia solidária.

Ali, com ela, desfilaram referências da sua formação e repertório, como Zeca Pagodinho, Zé Ketí, Arlindo Cruz, Geraldo Pereira, Chico Buarque...” Ney Matogrosso, Roberto Carlos, enfim, uma infinidade de artistas para quem o samba abriu a porta e todos eles passaram desfilando na nossa *timeline*.

(Lê) “Pois é essa Teresa Cristina, que são várias, que elevou a câmera caseira das transmissões improvisadas, num canal de audiência fraterna, numa cadeia de televisão única, que uniu a nação fragilizada contra as mazelas que o vírus fatal – em paralelo ao governo fascista e genocida igualmente mortal – fundiu numa ode à dor e à desesperança.

Foi essa Teresa a mulher que, com ternura e firmeza, com ginga, carinho e muita poesia, levou luz para muita gente.

No axé de nossa terra, sinta-se, Teresa, filha de todos os santos”, de todo axé que a Bahia é capaz de produzir. Sem dúvida, o Sr. Luiz Alberto Gomes da Conceição e a Sr.^a Hilda Macedo Gomes, os seis filhos desse casal, dos quais você é parte, esse casal que, como Tia Ciata, tem raízes no Recôncavo Baiano, na nossa

Cachoeira, com certeza, não imaginava o papel social, solidário, psicológico que a sua filha, um dia, teria na história do nosso Brasil.

Aquele momento de tanta fragilidade, que até as pessoas que se sentem mais fortes, mais firmes, mais duras, sentiram, Dr. Rafson, a insegurança rondando, o espectro da morte solto em nosso país. E a grande interrogação: “Chegará a mim? Se chegar, sobreviverei?” A angústia, a ansiedade e a tristeza de ver tantas vidas se perderem quando poderiam, muitas delas, serem salvas, se os respiradores chegassem a tempo, se a vacina chegasse a tempo.

E Teresa é esta mulher que, para muitos e muitas, parece especial. Ela é aquilo que a nossa Constituição diz, ou seja, uma mulher da liberdade, uma mulher da justiça (palmas), uma mulher que não se esconde, Danilo, uma mulher que impõe a sua presença na cena política e cultural brasileira, sem ter medo da sua posição política ser exibida.

E Teresa, no momento mais duro, ela mostrou, sem nenhuma dúvida e com muitas certezas, de que lado ela estava tornando ainda mais gigante do que ela já era no campo cultural. Ela poderia se esconder, poderia dizer o seguinte: “Aqui, não tem política, porque senão fica chato. Aqui, não se pode citar nomes, porque senão fica chato.” Ela citou muitos nomes, ela citou os nomes que a inspiravam. Ela fez denúncias políticas muito fortes durante as suas lives. Ela deixou muito bem estabelecido que este “despresidente” não tinha nada a ver com a gente brasileira. Ela deixou muito bem explicitado.

À época, eu era candidata, aqui, em Salvador. E no dia em que eu vi você levar Benedita da Silva para dentro daquela live e dizer que, no Rio, a gente tem um nome que a gente apoia, e a gente exhibe, e a gente traz para dentro da nossa live, sim! Porque o sofrimento do povo não pode se descolar das escolhas políticas feitas por este mesmo povo.

Infelizmente, a gente olha para o Brasil, para o Planalto Central do país, e não consegue, Daniele Costa, compreender como aquele espectro do mal chegou à faixa presidencial. É tão incompatível com o lado belo que o Brasil tem, porque o Brasil tem Margareth, o Brasil tem Juliana, o Brasil tem Roberto Mendes, o Brasil tem poesia. Este é o Brasil de Gilberto Gil, Caetano Veloso, Zélia Duncan e Alcione, da Velha Guarda da Mangueira, da Portela e de todas as escolas. O Brasil dessas baianas, de muitas anônimas, não combina com esta face horrorosa que brotou do lodo, que muitos duvidavam, Margareth, que existisse.

Mas nós, negras e negros, sempre soubemos, Tonho Matéria, que esta face, Ticão, existia, porque o racismo produzido e mantido, arraigado na estrutura da nação, sempre foi sustentado por alguém em algum lugar.

E este que se constituiu como presidente da República foi aquele que revolveu o lodo, o esgoto do país, e fez com que muitos que pensavam como ele se conectassem com essa energia negativa, trevosa, e infelicitasse tanto o nosso povo.

Foi muita dor. É muita dor.

Este é o Brasil que o povo deixa de comer a carne para comer o ovo e, depois, deixa de comer o ovo para comer o osso. Este é o Brasil que voltou para o mapa da

fome, que Teresa Cristina tão bem interpretou através das suas canções, o Brasil que desfila como a nossa Nega Nzinga, que acaba de chegar (palmas), pois esta mulher é da labuta e da luta diária pela sobrevivência. Este é o Brasil que resiste, é o Brasil que prevalecerá sobre todo o mal.

E, nesse sentido, eu quero concluir a minha fala dizendo, Aloísio Menezes, que eu estava no show de Milton Nascimento, na Concha Acústica, Piti. Quero dizer que, naquele momento, a Concha virou uma grande concha de energia positiva, uma coisa espiritual, uma essência, uma coisa muito bonita. As pessoas estavam ali chorando, em prantos. Era um pranto diferente, porque era um pranto de esperança.

E quando ele cantou *Coração de Estudante* – e eu estou vendo esta juventude linda, aqui, dentro desta sala –, ele terminou de cantar essa música que foi o símbolo da luta pela democracia, pela redemocratização do Brasil, esta democracia inconclusa, incompleta e imperfeita, mas é o que temos e é o que temos de salvar para radicalizar no aprofundamento de um verdadeiro Estado democrático de direito, que não combina com racismo, que não combina com sexismo, com LGBTQIA+fobia, que não combina com as múltiplas opressões.

Quando a gente estava ali com Milton Nascimento, todo mundo vibrando numa mesma faixa, a gente sentiu uma força gigantesca, uma força grandiosa. Quando terminou, ele gritou: “Viva a democracia!” E a gente sentiu aquela vontade de sair dali de cabeça erguida, de coluna ereta.

E eu me lembro, Teresa, que teve um dia em que eu, como uma figura pública, uma parlamentar, deputada, que recebia tantos telefonemas, tantas mensagens no *zap* pedindo comida, pedindo emprego, apresentando os seus currículos, as pessoas desesperadas pedindo uma palavra, um conforto, um carinho. E eu já estava exausta também naquele dia.

E, à noite, eu fui para live de Teresa. E foi uma coisa tão bonita, porque eu vi o povo de Santo Amaro, lá, na live também; um pouco depois, eu vi o povo de Salvador, o povo que a gente encontra no Rio Vermelho. Todo mundo estava na live, porque, em Salvador, a gente vai para o Pelourinho, lá, para cantina. Cada um escolhe a sua preferência como o espaço de Alaíde.

Todo mundo que quer distensionar vai para o Santo Antônio Além do Carmo, vai para o Rio Vermelho. Nesses locais, há o bar da boemia, há aqueles bares da boemia para distensionar, comer um acarajé, um abará, aquela coisa. E ninguém podia fazer mais isso quando estava no momento mais duro da pandemia do coronavírus.

E quando eu vi aquelas pessoas desfilando on-line, todo mundo ali conversando, e aí alguém dizia: “Olívia, como é que está?” Aí, alguém pedia música para Teresa. Ela estava comendo um pastel e falando com a gente. Aí, teve uma hora em que ela saiu: “Esperem aí que eu vou pegar mais um, pois acabou aqui.” Foi lá, e pegou o pastel na cozinha. Era sem aquela coisa daquela live super produzida, cheia de dinheiro, sabe? E o povo bombando. A gente via vários artistas de ponta consagrados. Todo mundo estava na fila para cantar com Teresa. (Palmas)

E eu disse assim: “Meu Deus, essa mulher, eu preciso conhecer essa mulher!” (Palmas) Digo isso, porque, naquele momento, você me encheu de energia e de alegria.

Eu vi a professora Darci, nossa advogada, historiadora. Ela soube que eu estava dando título para você, e ela falou: “Olívia, eu tenho que ir para a concessão desta homenagem. Ave, Maria, Teresa salvou a gente da depressão.”

Vou contar que eu estava entrando numa depressão, pois não estava aguentando mais a gente em casa, todo mundo preso. E quando a gente chegava na live de Teresa, parecia que era um outro mundo, que a pandemia já não estava rolando mais. E a gente conseguia fazer aquilo que aquela palavra de ordem que a gente trouxe quando esse infeliz foi eleito. A gente tinha uma palavra de ordem que dizia: “Ninguém solta a mão de ninguém, professor Edson.”

E, aí, veio a pandemia! A gente teve de soltar, fisicamente, as mãos para se isolar, se esconder, para não se contaminar. Aí, veio Teresa Cristina, com essa mão virtual e fez uma reconexão. Virou essa aldeia do bem, esse povo com essa magia, com essa coisa. Muita gente reclamava que suas carreiras estavam caindo, porque não tinha show, porque não tinha evento. De repente, aquele momento de pandemia virou o momento da revelação desta mulher para o Brasil inteiro.

Então, a Bahia é dessas! A Bahia gosta de coisa boa, de gente boa. A Bahia não votou no “cabrunco”. A Bahia tem 417 municípios. E a gente ganhou em quase todos! Só quatro municípios votaram com ele. Ele ganhou em quatro municípios. No resto, a gente ganhou!

E eu tenho certeza de que, no Nordeste, a Bahia foi a região da resistência. E a Bahia dará a resposta certa daqui a 13 dias. (Palmas) Quando essa resposta vier, Teresa Cristina terá muitas razões para cantar e colocar o povo brasileiro para dançar.

Por esta e por outras razões, esta mulher do Bembé do Mercado, esta mulher de Cachoeira, de Santo Amaro que tão bem conhece o Recôncavo Baiano, não pode ficar andando pelo Recôncavo sem o título de cidadã baiana. (Palmas) Portanto, é por esta razão que nós vamos batizá-la nesta tarde bonita de hoje.

Muito obrigada pelas presenças de vocês.

Axé, Teresa Cristina! (Palmas)

Você, em poucos minutos, será a nova cidadã baiana. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Eu quero agora, com muita honra, convidar a nossa querida sambista e co-promotora, na verdade, deste evento, porque ela e Kátia trouxeram esta ideia maravilhosa.

Eu convido Juliana Ribeiro, o Samba das Cumades, com a nossa querida Daniela Amoroso e Rayra Mayara para a homenagem à nossa querida Teresa Cristina. (Palmas)

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

A Sr.^a Juliana Ribeiro: Salve, Zé do Caroço! Salve, Leci Brandão! Salve, as compositoras pretas brasileiras! Salve, meu mestre, Seu Mateus Aleluia, seja sempre bem-vindo. (Palmas) O senhor é a nossa maior referência. Muito obrigada! Salve, o Samba das Cumades! (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Salve, Juliana Ribeiro, com este jeito especial de prestar a sua homenagem à nossa querida Teresa Cristina.

Eu quero registrar, com muito respeito e muita honra, a presença do nosso querido mestre Mateus Aleluia. (Palmas) Não é possível pensar o Recôncavo Baiano sem mestre o Mateus Aleluia. Muito obrigada, mestre, por estar conosco participando e testemunhando este momento. Sinta-se parte da nossa Mesa. Até gostaria, se ainda for possível, de trazer o mestre também para compor a nossa Mesa, pois ainda tem espaço. Pronto. O mestre já está vindo. Está tudo bem.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Eu quero, com muita honra, conceder a palavra ao cantor e compositor Roberto Mendes para que ele possa fazer a sua saudação breve à nossa homenageada. (Palmas)

O Sr. ROBERTO MENDES: Menina, eu não sabia que iria falar.

Em todas essas lives que eu fiz, fiz pouquíssimas, uma vez eu estava em casa, e Teresa me ligou e disse: “Eu quero fazer uma live, você participa?” Foi um chororô desgraçado, foi uma miséria essa live, não foi, Teresa? A gente só fazia chorar.

Eu queria dizer uma coisa que é muito importante. Teresa é filha de uma baía e eu sou filho de outra. E essas duas baías se juntam e dão o que há de melhor para o Brasil.

Em 1854, 4 anos após o fechamento da Baía de Benim, nascia em Santo Amaro uma mulher chamada Ciata, uma negra chamada Ciata, em 13 de janeiro de 1854. E ela vai também ajudar. Ela vai para o Rio com 22 anos de idade, em 1876, e leva o samba, antes do samba, para o Rio, que é o canto de labor.

Em 1850, com o fechamento da Baía de Benim, vão as violas machetes e 3/4 para o Recôncavo, não é isso? Pelo menos me disseram isso, e eu repito. E eu, por exemplo, tive muita sorte de Villa-Lobos e o... Carlos Andrade? Podem me lembrar o nome dele? Eu estou ficando velho.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Mário de Andrade?

O Sr. ROBERTO MENDES: Não, não é Drummond de Andrade. É da Semana de Arte Moderna de 1922.

Participante da sessão: Mário de Andrade.

O Sr. ROBERTO MENDES: Mário, Mário.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Mário de Andrade, Semana de Arte Moderna de 1922.

O Sr. ROBERTO MENDES: Mário de Andrade, todos sabem, eu estou falando o óbvio. Mário não passou por Santo Amaro. Se ele tivesse passado por Santo Amaro, eu estaria campado. Eu não tinha o que fazer, porque ele passando, logicamente, ele com Villa-Lobos, eu levaria a chula. E ficou a chula por lá. E Caetano saiu para levar isso ao mundo, e eu, ao contrário de Caetano, fiquei. Essa igualdade nessa diferença, que nos iguala nessa diferença, de ele sair e eu ter ficado, isso me favoreceu um pouco para poder estar aqui hoje, ao lado de Teresa.

Há uma coisa que eu quero deixar bem clara: arte não é cultura, Teresa. A arte não é cultura, eu não tenho nenhuma dúvida. A arte a gente faz, nós fazemos bem; cultura nós vivemos bem. Isso é importante que se diga. Enquanto no Brasil, principalmente na Bahia, não se separar aquilo que se faz daquilo que se vive... e esse binômio perfeito do que se come e do que se fala é que gerou nosso comportamento. Então, nosso canto vem da oralidade, é a oralidade que nos protege. E essas duas baías geraram para o Brasil a melhor coisa que temos no Brasil: é o samba brasileiro.

Esse samba nasceu em uma baía e se criou em outra. É por isso que hoje... você já era baiana antes de ser da Baía de Todos-os-Santos, mas eu tenho certeza de que você é do Recôncavo, Teresa.

Eu fico muito feliz por ter vindo. Poucas coisas me tiram de Santo Amaro, você me tirou. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada. É esse encontro da Baía de Todos-os-Santos com a Baía de Guanabara que faz o samba se tornar o símbolo da cultura nacional.

Eu quero agradecer ao nosso querido Roberto Mendes, que acabou de se pronunciar, por ele ter aceitado o nosso convite e estar aqui conosco.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Eu quero saudar Veco Araújo e agradecer-lhe, do Cortejo Afro, o homem do sombreiro; Andréa Nascimento, que é vice-presidente do Cortejo Afro e está aqui representando Alberto Pita; Aloísio Menezes, esse artista maravilhoso, a quem eu já fiz várias referências; Jaime Oliveira, diretor do Cortejo Afro. Quero também saudar Leonardo Hora do grupo Mestre Guima, que apresentou os clarins e os instrumentos de sopro; Alba Cristina Soares, nossa ialorixá de Ilhéus, seja muito bem-vinda, o Ilê Axé Odé Alade, de Ilhéus; Clotilde da Cruz também ialorixá do Ilê Axé Odé Alade, de Ilhéus; Ricardo Rosa, coordenador de música da Fundação Cultural do Estado; Renata Dias, diretora da fundação cultural; Danilo Xavier, diretor da Setre; Ângela Guimarães, que neste ato representa o secretário Davidson Magalhães; Piti Canella, que representa a Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, seja bem-vinda, Piti; Kity Tavares, coordenadora de articulação institucional da Sema – Secretaria Estadual do Meio Ambiente. Seja muito bem-vinda. (Palmas) Tikão Cerqueira, cantor e compositor da banda Santuário do Reggae; Girlene Santana, coordenadora do Fórum Permanente em Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa; Lionel Simões de Freitas Neto, diretor e modelo do Instituto Jovens Periféricos, há periféricas aqui presentes, lindas, muito bem-vindas! O ex-deputado Álvaro Gomes; Ênio Bernardes, músico do grupo Siri Catado, que também é convidado; nosso querido Marcelo Barros, amigo de Teresa e que também é coordenador da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, ele daqui a pouco vem fazer a entrega junto com a gente do título de Teresa.

Neste momento, eu quero a passar o vídeo da secretária Julieta Palmeira, secretária de Políticas para as Mulheres. A Secretaria de Políticas para as Mulheres também está representada, nesta Mesa, pela chefe de gabinete Daniele Costa, mas a

secretária encaminhou um vídeo a que nós vamos assistir. E, em seguida, há a presença de outras personalidades que eu registrarei e de familiares de Teresa.

(Procede-se à apresentação de vídeo.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Ouvimos a mensagem de Heloísa Macedo, irmã de Teresa; de César Mendes, amigo da nossa querida Teresa; de dona Hilda, sua mãe, toda fofa; de tio Vadinho, nascido em São Félix, no Recôncavo e de Cléa Maria, amiga da nossa querida homenageada.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Eu quero convidar agora a Kátia para que ela possa fazer a leitura da sua homenagem, Kátia.

A Sr.^a **KÁTIA SILVA**: Gente, vou pedir desculpas, porque estou nervosíssima, muito emocionada.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Fique à vontade.

A Sr.^a **KÁTIA SILVA**: Boa tarde aos membros da Mesa, boa tarde a todos e todas.

(Lê) “Dar esse título à Teresa Cristina é devolver um pouco do que ela fez por nós durante o pior período da pandemia. Obrigada, Tetê! Obrigada pela simpatia, pelo carinho, generosidade, entrega, ousadia, deboche, bom humor, alegria e ativismo.

Comecei a assistir às suas lives em abril de 2020.”

No dia em que você estava homenageando o centenário de... aquela cantora... não...

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Ivone Lara.

A Sr.^a **KÁTIA SILVA**: Foi antes, esqueci agora. E não saí mais.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Elizete Cardoso.

A Sr.^a **KÁTIA SILVA**: Elizete Cardoso. Exatamente. Comecei a assistir nesse dia.

(Lê) “E não saí mais. E me chamava a atenção como você apresentava nas lives temas relacionados à cultura baiana, artistas, manifestações, músicas. Aliás, fiquei conhecendo alguns artistas baianos da nova geração nas suas lives e você se referia sempre ao fato de seu pai ser baiano de Cachoeira, de frequentar o Recôncavo e as manifestações que lá acontecem, e do seu amor pela Bahia.

Daí a ideia de dar o Título de Cidadã Baiana, de procurar a amiga Juliana Ribeiro, que me ajudou para chegar até a deputada Olívia Santana.” E juntas então propormos esse título.

(Lê) “Teresa Cristina, a Bahia lhe agradece por valorizar e divulgar a nossa cultura.

Obrigada.” (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, Kátia, nós sabemos muito bem os desafios que você venceu e o quanto foi importante ouvir Teresa para arejar a mente.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Eu quero convidar, neste momento, para que ela possa também fazer a sua saudação, eu concedo a palavra à nossa querida artista Margareth Menezes. (Palmas)

Como eu disse, cantora, compositora, ativista cultural,

Participante da sessão: Rainha da Bahia.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): A rainha!

A Sr.^a MARGARETH MENEZES: Gente, boa tarde. É difícil para mim falar assim. Quero saudar todos da Mesa, eu não estava preparada para falar, mas eu fiz um esforço grande para estar presente aqui. Estava viajando, fazendo show fora, estava em São Paulo, depois Brasília. E cheguei duas e alguma coisa ao aeroporto. Então foi... o Ramon, a gente aqui, o Ramon, orientando a gente, disse: “Está ocorrendo aqui uma manifestação.” Então é a meu favor para poder chegar no horário. E cheguei exatamente na hora em que a sessão estava começando.

Quero dizer que para mim é uma grande honra estar aqui prestigiando, neste momento homenageando, fazendo a entrega desta nomeação, deste título à Teresa Cristina. Esta artista incrível, que eu tive o prazer de conhecer. Conhecia um pouco antes, mas a gente não tinha uma aproximação. E foi justamente durante a pandemia, eu ficava lá espionando-a, e de vez em quando ela me via e me chamava. Eu entrava do jeito que eu estava em casa. Mas o que foi mesmo para nós, Teresa, o que você fez foi um porto seguro, um momento de – sabe? – integração, de a gente sentir que ia realmente poder atravessar de alguma maneira, naquele lugar, um lugar onde as janelas se abriam para nos animar e observar. Vi tanta gente bacana cantando, assistindo de todos os lugares do Brasil, então isso foi muito valioso.

Para mim, como artista neste país, artista negra nesta Bahia, a gente sabe como é o nosso drama aqui, mas somos alimentados por isso que o meu querido e pessoa que eu amo tanto e respeito, Roberto Mendes, falou aqui. E ver a presença do Sr. Mateus Aleluia é realmente uma consagração luminosa deste momento, para mim e tantas pessoas que estão aqui.

Então eu quero dizer-lhe que me sinto feliz por este momento, está me contentando muito essa ideia da Juliana, que foi quem teve essa ideia de fazer essa ação, porque engrandece a nós artistas, engrandece a nós mulheres negras e engrandece também... Isso é uma ação de generosidade, esse reconhecimento por esse legado, por isso que foi construído com amor, esperança, coragem.

Vendo-a falar algumas coisas, isso encorajava também a gente. Então isso é muito, muito valioso.

Eu posso cantar uma música?

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Deve!

A Sr.^a MARGARETH MENEZES: Eu também vi o show de Milton Nascimento. Há uma música de Milton Nascimento que, quando eu a ouço, e desde quando ela... Uma música já bem antiga, mas eu acho que representa tanto a gente, tanto. E sempre quando eu a canto, eu me sinto, eu me... eu me vejo nisso. Sei que é

uma música que pontua a vida da maioria de nós artistas: de onde a gente vem. Qual é a motivação que nos faz cantar.

(Procede-se à apresentação musical.)

A Sr.^a MARGARETH MENEZES: Parabéns! Axé, Teresa Cristina! (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, Maga. Está vendo como é bom não avisar? Porque assim a coisa sai do coração, é bem mais bonita.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Convido agora, para que ele possa falar em nome das instituições aqui presentes, o nosso querido Rafson Ximenes, defensor público-geral do estado da Bahia. (Palmas)

O Sr. RAFSON XIMENES: Boa tarde a todas e a todos.

Eu queria, primeiro... eu vou até cometer uma gafe aqui, Teresa Cristina, mas eu não vou fazer esta fala agradecendo só a você. Eu vou começar agradecendo a Olívia, a Juliana e a Kátia por proporcionarem, e é um agradecimento pessoal, a oportunidade de estar aqui neste evento, agora, compondo uma Mesa como esta. Eu falo isso e continuo agora o agradecimento, o agradecimento vai para a Mesa inteira e vai para todos os artistas que estão aqui presentes, inclusive para Adailton Poesia, que eu vi sentado ali, está quietinho ali no canto (palmas), um dos maiores compositores baianos. Eu faço isso porque, quando eu ouço Margareth cantando, quando eu ouço Juliana Ribeiro cantando, quando eu vejo as suas lives, quando a ouço cantando, me dá uma ponta de inveja e penso: como é que elas conseguem fazer isso? Como é que elas conseguem cantar desse jeito?

Eu sou partidário de uma tese de Antonio Candido, que era um crítico literário, que dizia que as pessoas têm o direito fundamental à arte, não só como instrumento de prazer, como instrumento de relaxamento, mas porque a arte abre canais de conhecimento. Porque, muitas vezes, um verso cantado aqui vale mais para formar a opinião das pessoas do que pilhas e pilhas de livros, e discursos, e as leis que são feitas. E a gente tem tentado fazer isso na Defensoria, aproximar a defesa dos direitos das pessoas, a educação e os direitos da relação delas com a arte.

Roberto Mendes já participou lá, em Santo Amaro, a gente fez um júri simulado de Cuíca de Santo Amaro. A gente fez lá porque, para ele vir para cá, só se fosse para você mesmo, para gente ele não viria, não. A gente teve que ir lá para ele participar.

Eu também estava no show de Milton Nascimento e vi tanto a Margareth quanto a Olívia. Com Margareth eu não pude falar porque, apesar da minha mulher ter gritado “Margareth!”, ela passou correndo, eu acho que ela estava indo até falar com ele. Mas com a Olívia eu pude conversar, e nessa conversa com a Olívia, no final do show, ela falou comigo: “Olha, o Brasil de verdade é isso aqui. O Brasil de verdade é isso que a gente está vendo aqui, na Concha Acústica, agora, em Salvador.”

Eu estou falando isso porque esse show me lembra muito o que a gente está fazendo agora e uma conversa que a gente teve agora aqui, quando acabei de te

conhecer. Eu queria dizer, Teresa, que a Bahia é um estado que tem a as águas quentes porque tem um povo quente. E eu sei que está chovendo agora, mas, daqui a duas semanas, você pode voltar tranquila porque não vai estar mais chovendo, e o sol vai se abrir por causa de vocês, por causa das mulheres, por causa dos negros, por causa dos nordestinos e por causa dos artistas deste país.

Então, muito obrigado a você, Teresa, e a todos os artistas do Brasil. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, Dr. Rafson, por suas palavras. A gente não pode tocar fogo aqui neste Plenário, mas todo mundo sabe do que a gente está falando

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Eu quero, gente, agora que nós vamos nos preparar para fazer a entrega do título à Teresa, agradecer aqui, de público, o apoio da Secretaria de Políticas para as Mulheres. Sem ela, seria muito mais difícil a gente concretizar a realização desta oferenda, desta oferta, deste batismo do Título de Cidadã Baiana para a nossa querida Teresa Cristina.

Então, eu quero chamar, para fazer uso da palavra, a nossa querida Daniele Costa, ela traz aqui a mensagem da secretaria, inclusive o vídeo da nossa secretária foi exposto, mas não foi possível traduzir todo o pensamento que a secretaria tem. Eu gostaria que Dani, que a nossa Daniele Costa, também pudesse se pronunciar.

A Sr.^a DANIELE COSTA: Olá! Boa tarde a todas, a todos e a todes. É uma grande emoção, deputada Olívia, estar fazendo parte deste momento, a secretaria ter a oportunidade de fazer este reconhecimento e esta valorização de uma grande inspiração para todas nós, mulheres, não somente nós mulheres negras, pretas, mas todas aquelas e aqueles que acreditam que uma sociedade de iguais é possível, que a esperança, ela não deve morrer em nenhum momento, nem no momento em que nós estamos nos sentindo mais solitárias e solitários, como a pandemia nos provou. Nós temos pessoas como Teresa, e que venham mais Teresas.

Teresa, você foi, a todo momento, essa energia, essa alegria de que é possível, sim, a gente ter um Brasil outro, não este Brasil que nós estamos vivendo no momento, de tantas derrotas para a população, de tantas derrotas para nós, mulheres negras. Nós podemos construir um outro país, um país do samba, um país da alegria, um país da resistência e das forças das Terezas de Benguela, das Luizas Mahins, de tantas mulheres negras que construíram este país, e nós, agora, estamos aqui com esse grande desafio.

Então, eu só tenho a saudar este momento, este evento, saudar todos e todas que estão presentes compondo esta Mesa de tamanha representatividade, compartilhar este momento, é um momento de muita alegria.

Eu deixo aqui um grande abraço da Secretaria de Política para as Mulheres, e nós queremos ter a oportunidade de recebê-la aqui no Carnaval, e você subir naquele Trio Respeite as Minas, dizendo que nós, sim, estamos construindo um novo país. (Palmas)

Então, um forte abraço a todos e todas.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, Dani.

Neste momento, eu convido a jovem Ângela Guimarães, presidenta nacional da Unegro, para, junto conosco, fazer a entrega do Título de Cidadã Baiana à artista Teresa Cristina Macedo Gomes. (Palmas)

Por favor, igualmente, Marcelo Barros, por favor, suba aqui, à tribuna.

Peço a todas e todos que fiquem de pé para que a gente possa fazer agora a outorga do título.

(Lê) *“A Assembleia Legislativa da Bahia confere a Sr.^a Teresa Cristina Macedo Gomes o Título de Cidadã Baiana.*

Resolução nº 2.043/2022

Projeto de autoria da deputada Olívia Santana.

Salvador, 19 de setembro de 2022.

Deputado Adolfo Menezes

Presidente

Deputado Júnior Muniz

1º Secretário

Deputado Alan Sanches

2º Secretário”

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Ah! gente! Agora, o momento mais esperado da tarde, nós convidamos a nossa homenageada, Sr.^a Teresa Cristina Macedo Gomes, para que ela possa fazer o uso da palavra e proferir os seus agradecimentos. (Palmas)

A Sr.^a TERESA CRISTINA MACEDO GOMES: Boa tarde! Queria tomar a liberdade, eu estou na Casa do Povo e eu estou vendo aqui um painel, “Ao Deus de Israel”, tem uma Bíblia ali. Eu queria saudar meus orixás, eu sou filha de Xangô e de Oxum (palmas) e tenho certeza de que tudo, tudo que eu conquistei tem as mãos deles.

Estou muito emocionada, bastante, quem me conhece sabe que eu sou chorona, mas eu acho que capricharam hoje, porque eu não esperava por esta Mesa. Não que vocês não estejam nos meus sonhos, mas eu não esperava ver uma Mesa com tanta gente que eu admiro, com tantos heróis brasileiros. Sr. Mateus Aleluia, Sr. Nelson Rufino, Margareth, Roberto, a todos os artistas que estão aqui presentes, a todas as pessoas, eu queria agradecer do fundo do coração.

Existe um... não é um ditado, mas é um conselho que eu já recebi de pessoas e que diz assim... Olha, o primeiro é o que vem no avião, não é? Quando o avião está em turbulência, eles dizem: “Primeiro, você põe a máscara em você; depois, você põe a máscara na pessoa mais próxima”. Eu fiz o contrário na pandemia, primeiro eu quis salvar minha mãe. Salvando a minha mãe, eu tinha certeza de que a minha família iria estar salva dessa doença. Então, eu comecei a fazer essas lives para minha mãe, para que a minha mãe sorrisse, para que a minha mãe ficasse feliz,

fugisse da TV, não visse as notícias, enfim. E foi através dela, através desse carinho pela minha mãe, que eu tive a ideia de continuar fazendo lives.

Agradeço a todos os presentes, tem pessoas, aqui, muito importantes para mim, principalmente durante a pandemia. Eu queria dar um abraço muito carinhoso na mãe Alba Darabi, no Marcelo Barros, na Cris Ribeiro, que estão aqui, na frente. A gente fez os nossos *xirês*, os nossos rituais, durante a live, na hora de falar sobre o candomblé, sobre o que eu não sabia, na hora de falar sobre orixá que eu não conhecia, Marcelo, mãe Alba, Cris Ribeiro e mãe Dora me ajudaram muito.

A maneira que eu tenho de agradecer a vocês, além do que eu estou sentindo no meu coração hoje, é fazer o que eu acho que eu sei fazer melhor. Eu queria oferecer para vocês uma canção que eu fiz para minha mãe Oxum, ela ainda não tem nome, mas tem muito amor envolvido.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

Salve! Salve a Bahia! Salve Tia Ciata! Salve o samba do Rio de Janeiro! Salve Hilda Macedo Gomes, minha mãe! Salve Luiz Alberto Gomes da Conceição, meu pai querido, que está no Orum, tenho certeza, muito feliz com o que está acontecendo aqui!

Muito obrigada, gente. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Nós é que te agradecemos, te celebramos, te homenageamos pela vida de todas e todos para quem você conseguiu colaborar, contribuir com a sua arte.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Não é de praxe acontecer qualquer pronunciamento depois da homenageada, mas nós vamos quebrar o protocolo porque temos uma pessoa que é muito importante. Todo mundo aqui é importante, mas nós reverenciamos a voz dessa pessoa, que foi do Tincão, a voz suprema do Recôncavo, nosso mestre Mateus Aleluia, não é, gente?! (Palmas)

Pode falar daí, mestre.

O Sr. MATEUS ALELUIA: Primeiramente, eu vou pedir às forças invisíveis superiores que nos guiam para que, realmente, eu possa levar uma palavra que seja uma palavra de conforto para todos; que seja uma palavra de inclusão, que tanto, neste momento, nós precisamos; uma palavra de empoderamento, que nós falamos tanto, mas estamos desempoderados. Precisamos realmente sentir que esta força nos circunda.

Eu vou pedir licença à Marga para poder também, como ela fez, citar Milton, eu também vou citar Milton Nascimento. Não vou dizer que estou afônico, que eu não posso cantar hoje, eu estou “rocônico” (risos). É uma rouquidão que me deixa assim, com a voz... Falemos de Milton: “*Reviver tudo o que sofreu. / Porto de desesperança e lágrima. / Dor de solidão. / Reza pra teus orixás.*”

Teresa, se aqui estás é porque sempre estiveste. Sejas bem-vinda. És uma nossa. Como bem falou Roberto Mendes, você saiu de uma baía para outra, saiu da

Baía da Guanabara para a Baía de Todos-os-Santos, de todos os inquices, de todos os voduns, de todos os orixás, de todas as crenças e credos e também de todos os caboclos, o índio dono desta terra.

“Guarda o toque do tambor

Pra saudar tua beleza

Na volta da razão

Pele negra, quente e meiga

Teu corpo e o suor

Para a dança da alegria

E mil asas para voar

Que haverão de vir um dia

E que chegue já...”

(Procede-se à cantoria.)

Seja bem vinda, Teresa.

Obrigado, Olívia, por este momento.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Mestre maravilhoso! Palmas! Os Tingoãs permanecem vivos na nossa história e nessa figura emblemática. (Palmas)
(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): É, Juliana Ribeiro, tá chegando a sua hora novamente.

Nós vamos aqui, agora, gente, nessa celebração tão bonita, tão carregada de significado, convidar novamente a nossa querida Juliana Ribeiro para que ela possa nos brindar com mais uma canção.

A Sr.^a Juliana Ribeiro: Olívia, estamos encerrando, não é isso?

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Isso.

A Sr.^a Juliana Ribeiro: Então, é uma outra história.

Boa tarde, todas e todos. Difícil cantar agora depois da fala de Seu Mateus e de todas essas falas, porque a gente já chorou tanto que fica difícil. Durante a pandemia... Eu conheci Teresa... Eu vou fazer uma fala breve. Nós conhecemos em 2008. Ela veio a Salvador fazer um show chamado *MPB Petrobras*, um projeto no TCA. Foram 2 dias, e eu tive a honra de abrir o show dela em 2008; eu estava iniciando. E foi muito bacana, assim, tudo que aconteceu e como aconteceu, porque depois nos encontramos no Rio de Janeiro. Fui até o show dela no Rio de Janeiro, no Carioca da Gema, e ela, automaticamente, me chamou para cantar. E de lá para cá pouco nos vimos. E a pandemia, por incrível que pareça, que separou a todos, serviu para nos juntar. Sonora tinha acabado de nascer, eu estava recém-parida, e Teresa, através de Marcelo, me fez o convite de participar da *live*. Uma *live* que falava sobre o samba da Bahia de uma forma muito respeitosa, muito bacana, muito bonita e sem clichê. A gente precisa tirar os clichês quando a gente fala da nossa cultura, da nossa ancestralidade, do nosso povo e do nosso legado. Nossa cultura, nosso legado não é folclore. Nós não fazemos folclore. Nós não fazemos folclore! (Palmas) Obrigada, mestre. Obrigada. Porque folclore foi um nome que o outro, o

européu, deu ao que nós já fazíamos aqui, à nossa pertença, ao nosso legado, ao nosso saber e ao nosso fazer. Então, o que a gente faz é arte, é cultura, é sabedoria em forma de canção, no nosso caso.

E ela, muito encantada com o samba de roda, nessa *live* da qual eu tive a honra de participar... Roberto também, Seu João do Boi também. Foi nessa mesma *live* que, quando vi, num dado momento eu tava com as taubinhas na mão. E o nome do instrumento é taubinha, não é? Não sei se as baianas tão com elas aqui. Teresa ficou encantada com o instrumento, e depois eu mandei para ela no Rio. Ela tem as taubinhas. E eu achei que você tinha trazido para tocar com as taubinhas também, que é, justamente, um instrumento feminino, que vem do corpo feminino, que vem das tamancas das mulheres. Isso no século XIX, quando faziam desse tamanco. Colocavam na mão esse tamanco, porque tem uma tirazinha. Ou seja, quando o samba esquentava na cozinha, lá na casa de Tia Ciata, esse samba miudinho, essas tamancas saíam do pé e vinham para a mão e na mão era feita a clave. (palmas)

E é para isso que servem as taubinhas, para amplificar a nossa palma que traz a clave. E essa é uma tecnologia feminina, isso é um instrumento que é criado a partir do corpo feminino, esse é um dos resquícios que mostram que o samba é matrilinear. E, por conta disso, eu quero fazer um samba de roda aqui, por isso as taubinhas. A gente começa e você vem cantar também, se quiser, por favor, junto com Rayra e junto com Dani Amoroso, do Samba das Cumades.

Vamos fazer uma música lá de Itapuã, do meu querido mestre e amigo Seu Reginaldo Souza.

Vamos lá!

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Viva Teresa Cristina!!

Viva o nosso mestre Nelson Rufino, nos seus 80 anos de samba e poesia para Bahia e para o Brasil!

Declaro encerrada...

Som para a homenageada, gente.

A Sr.^a Teresa Cristina: Por causa do nervosismo ali, eu agradei a todos os artistas, eu agradei a todos os presentes, e eu, nervosa, não agradei à pessoa que me entregou a medalha e que me tratou com muito carinho desde o primeiro momento.

Eu queria uma salva de palmas para Olívia Santana, por favor. (Palmas)

O Cortejo Afro, maravilhoso, entrou comigo aqui. Foram meus noivos consortes.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Declaro encerrada esta sessão histórica belíssima. Muito obrigada a todas e todos que construíram este evento, nosso gabinete. Quero destacar, também, Isabela Conde, que está aqui, participando, todos os funcionários e funcionárias da Assembleia, toda a equipe desta Casa que construiu esta sessão tão bonita.

Muito obrigada.

Vão em paz, lutar pela liberdade, por um novo projeto de nação.

Obrigada, gente.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.